

A POLITICA DO GOVERNO PARA A UNIVERSIDADE E O MOVIMENTO ASSOCIATIVO DOS ESTUDANTES O TRABALHO DO 1º PERÍODO INTRODUÇÃO

Dois factos foram notórios no trabalho realizado no período passado: o desprezo pelo estudo da situação concreta manifestado pela generalidade dos colaboradores e a ausência de uma análise exaustiva da situação capaz de deixar campo aberto à discussão da forma de conduzir correctamente o trabalho associativo em Ciências.

O desprezo pelo estudo manifestou-se de várias maneiras. Os Improps nem sempre se liam e só se discutiam muito raramente. As circulares liam-se mas quase não se discutiam — veja-se o caso da "Circular 19". A declaração da Direcção, onde se indicava uma directriz precisa para o trabalho e que alguns colaboradores chegaram a ler com cuidado mereceu da parte d'elles o comentário "está porreirinha" mas na prática todos a ignoraram. Também, a título de exemplo, o mesmo se passou com o texto "do Movimento Associativo de Ciências aos Estudantes de Lisboa". E há muitos outros casos análogos no que diz respeito à imprensa federativa e à de outras escolas.

Ao fim de um certo tempo tinha-se chegado a esta situação anedótica: a maioria dos colaboradores ou não liam os textos que saíam ou se os liam não os discutiam. E se alguma vez os liam ou discutiam, faziam-no tão mal que não se aproveitava nada dessa discussão. Isto foi o que se passou nomeadamente com a "proposta de reorganização do trabalho associativo dentro da Faculdade" que depois de discutida em RGColaboradores e levada à RGA e lá aprovada, veio a levantar uma grande celeuma quando se entrou na fase de execução do que lá se propunha.

Como explicar tudo isto que se teve na origem de tantos erros repetidos de improp para improp, das inter-

venções nas reuniões serem monopolizadas por 2 ou 3 pessoas, como explicar tudo isto que esteve na base (e está) da falta de perspectivas claras dos colaboradores para o trabalho associativo a levar a cabo neste momento?

O terefismo erro comum em períodos de crise, é um erro de trabalho motivado pela não programação deste e que é fácil de eliminar desde que exista uma organização adequada, e uma direcção efectiva para o trabalho. Por outro lado, só poderemos definir de maneira correcta a organização adequada a estruturar, e só uma direcção efectiva poderá começar a trabalhar quando estiverem bem definidas as nossas tarefas actuais.

Dá a necessidade de se fazer um estudo pormenorizado da situação, nomeadamente no que respeita à política do governo para a Universidade, à situação actual do M.A. a nível federativo e em Ciências, e ainda à definição das prioridades do trabalho associativo.

No entanto, para isto é necessário analisar a evolução dos acontecimentos, interpretá-los à luz da nossa Orientação Geral e ver quais as deficiências que o nosso trabalho teve.

Só assim constataremos entre nós, os laboradores de Ciências uma sólida unidade baseada na compreensão da nossa orientação e das nossas tarefas.

Só assim faremos um trabalho bem feito. Só assim estaremos certos de caminhar segundo a nossa Orientação Geral.

NESTE
NÚMERO

A politica Governamental para a Univ. e o M.A. dos Estudantespg 2
O M.A. em Ciências - situação actual e evolução possívelpg 7

A POLÍTICA GOVERNAMENTAL para a UNIVERSIDADE e o MOVIMENTO ASSOCIATIVO dos estudantes

A - BREVE ANÁLISE DA RECENTE POLÍTICA DO GOVERNO PARA A UNIVERSIDADE. FASES MAIS IMPORTANTES DAS LUTAS CONDUZIDAS PELAS AEE DESDE O ANO LECTIVO DE 69/70 - ANO DO APARECIMENTO DAS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DA REFORMA.

A actual investida da repressão é preconcebida. O Governo já a tinha preparado de há muito. O assassinio de Ribeiro Santos apenas veio precipitar os acontecimentos. E senão vejamos:

- razões porque surge a Reforma

A sociedade actual é caracterizada por estar dividida em 2 classes: uma parte minoritária da população - a burguesia - explora a esmagadora maioria - a população trabalhadora - através do controle que aquela tem das estruturas pelas quais é feita a produção de mercadorias (estruturas essas onde os operários e os camponeses são obrigados a trabalhar para poderem subsistir) e através ainda da repressão violenta pelo aparelho de Estado das justas lutas progressistas que os trabalhadores erguem contra a exploração de que são vítimas.

Ora, numa sociedade dividida em classes, o Ensino como actividade social, necessária à continuidade da produção, tem um carácter de classe. Assim, na sociedade, o Ensino serve os interesses dos patrões: maximização da exploração dos trabalhadores, com vista à obtenção de maiores lucros.

A Universidade, como superestrutura do Ensino, é a Instituição onde se formam os elementos qualificados que, uma vez inseridos no sistema de produção, vão ter um papel importante: vão ser os técnicos especializados ou nas tarefas de legalização e racionalização da exploração, ou nas de investigação de novas técnicas de produção (ou exploração), ou nas de transmissão - elaboração de conhecimentos para as novas camadas de estudantes, ou nas de Direcção - controlo dos trabalhadores no próprio local de trabalho.

É neste contexto que surge a Reforma do Ensino na Universidade.

A Reforma do Ensino é o estatuto que veio permitir à burguesia, ligada aos interesses das grandes empresas, a formação dos quadros técnicos e administrativos capazes de realizarem, com êxito, a tarefa de transformação das estruturas de exploração, no sentido de as adaptar às necessidades actuais do capitalismo moderno.

Quando o Governo lança a Reforma está a contar com as Associações de Estudantes e a sua capacidade de mobilizarem amplas massas estudantis para estas servirem de tropa de choque junto dos sectores mais reaccionários da Universi

dade, ou seja, para elas correrem a pontapé com os professores detentores da "tedra vitalícia" e que se opõem à aplicação da Reforma - pois que esta vai prejudicar os seus interesses, igualmente barriguistas mas relacionados com formas de exploração ditas "antiquadas", desadaptadas do estágio de desenvolvimento actual do capitalismo... e contam com as AAEF porquê?

- orientações e situação do M. A. na altura

Nessa altura, no Movimento Associativo, havia fundamentalmente duas linhas uma era declaradamente reformista, a outra inconsequentemente anti-reformista.

Com efeito, quando as primeiras aplicações da Reforma surgem (Técnico 6/70 é a primeira escola onde ela aparece) a Direcção da Associação que se dizia anti-reformista, mostra-se incapaz de conduzir as muitas centenas de estudantes predispostos para a luta(1) para processos não reformistas. De facto os muitos processos que estoiraram por todo o lado no Instituto surgem sempre compartimentados por cadeiras, por cursos, e não ultrapassam nunca o campo reivindicativo do "queremos mais salas, menos pontos, mais critério na classificação" e outras coisas do género. A vanguarda no Técnico mostra-se totalmente incapaz de globalizar as lutas de cadeira, de curso, e de as prespctivar correctamente junto dos estudantes. Lança cá para fora grande quantidade de papeis e comunicados extremamente politizados, onde faz brutas análises ácerca da Reforma mas que não conseguem atingir a grande massa dos estudantes porque não são compreendidas por estes. As autoridades, face a uma situação destas, facilmente vão recuperando as movimentações, oferecendo a participação nos órgãos de gestão da Escola, cedendo aos juris mistos nos exames, afastando os professores mais reitentes em dialogar com os alunos... e à medida que a luta se vai esboroando, as primeiras modificações de cadeiras, etc... com vista à aplicação da Reforma (que o Veiga Simão estava a parir) vão sendo palatinamente implantadas no Instituto.

(1) Estas centenas de estudantes combativos tinham estado envolvidas, no ano anterior num amplo processo de massas, que tivera início com uma reivindicação do subsídio para a cantina e que veio a terminar com a luta que se desencadeou pelo levantamento das suspensões aos dirigentes da AE e depois com o processo eleitoral.

B - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO ACTUAL DO MOVIMENTO FEDERATIVO A NÍVEL FEDERATIVO. ALGUMAS CONCLUSÕES.

A situação actual do MA pode caracterizar-se:

a) Por uma grande massa de estudantes, neste momento sob a tutela ideológica dos dirigentes reformistas, incapazes de se abalancarem já a formas superiores de luta (até por estarem intimidados pela recente e violenta investida da repressão) mas interessados e ligados ao trabalho associativo, sendo susceptíveis muitos deles de virem a assumir posições progressistas num futuro breve.

b) Por uma vanguarda combativa, já numerosa, predisposta para acções de conflito aberto, para experiências de luta por objectivos avançados, mas não organizada e ainda sem grandes perspectivas ideológicas o que a torna por um lado neutralizável pelos oportunistas de direita, em certas circunstâncias, e por outro lado permeável à influência dos oportunistas de "esquerda".

c) Pela inexistência de uma condução centralizada da luta - que, aliás, teima constantemente em ultrapassar os limites do campo sindical-legal e investir pelos terrenos da não legalidade -, o que tem levado a sucessivos impasses na organização federativa da luta, mesmo no seu aspecto associativo, situação que não parece ser superável de imediato pela discordância manifesta que existe quanto ao modo como é unificada a luta; ultrapassagem de momento da RIA (que está nas mãos dos reformistas) e entrega da condução da luta, através dos "meetings" e Plenários, aos estudantes mais combativos.

d) Pela existência de um potencial de mobilização invulgar cujo não aproveitamento imediato e sua parcelização por Escolas vai diminuir consideravelmente a sua importância mas que é, no entanto, capaz de chamar para a luta amplas massas de estudantes:

- há ainda dezenas de estudantes presos de várias escolas;
- há dezenas de suspensões e processos disciplinares em Ciências, outros em Medicina, outros ainda em Letras; inquéritos à actividade de ex-direcções associativas (Técnico) ou a vários estudantes (Ciências, Económicas) e ameaças declaradas de mais processos em Agronomia, Letras e ISCSPU (pelo menos);
- há a saída da Reforma em Direito (onde ainda estão os "gorilas"...), Económicas, ISCSPU e IES;
- há Escolas que estiveram praticamente em luta permanente no 1º Período (casos de Ciências e Medicina) e outras que têm realizado greves gerais e outras formas de luta, embora sem o carácter prolongado e constante das anteriores (casos de Agronomia, Farmácia, Letras e Técnico);
- há a criação de "vigilantes" em todas as Escolas
- há a alteração da legislação militar
- há as experiências recentes, envolvendo centenas e até milhares de estu-

tudantes, de formas superiores de luta por objectivos avançados - declaradamente anti-reformistas, abertamente progressistas -? há a viva lembrança das duas lutas que se desenvolveram a partir do assassinio de Ribeiro Santos.

A estes factores, susceptíveis de mobilizarem a grande massa dos estudantes, desde que bem perspectivada pela vanguarda, poder-se-ão acrescentar outros (como a incorporação compulsiva no exército colonial de alguns estudantes mais activos).

Conclusões

Também se pode concluir do estudo feito que são tarefas importantes a realizar a nível federativo:

- o combate ao reformismo junto das grandes massas estudantis (principalmente),
- o combate ao "esquerdismo", principalmente junto aos estudantes mais combativos,
- a divulgação junto da grande massa dos estudantes e a explicitação junto da vanguarda, da orientação "Por um Ensino ao Serviço do Povo".

Estas tarefas terão de ser levadas a cabo pelos colaboradores que defendem esta orientação para o trabalho associativo e de todas as maneiras possíveis - intervenções em reuniões de massas e de quadros, edição de textos, de comunicados, boletins e cadernos, propaganda através de cartazes e targetas, etc.

Mas o problema central ainda é este: como orientar a luta federativa (mediata e imediata)? É um problema de explicitação do objectivo geral, que está relacionado com uma questão de orientação geral e com os Princípios do M.A. E só quando ele estiver solucionado é que se poderá resolver o problema das formas organizativas capazes de orientarem e conduzirem uma luta federativa unificada. Poró levantam-se já problemas cuja solução é pertinente: como lutar contra a repressão agora, como unificar a luta agora?

Há que saber aproveitar muito bem o potencial de mobilização existente. Há que saber encontrar as formas organizativas que sirvam minimamente no momento actual. Só assim a luta poderá vir a ser forte e prolongada, apesar de limitada.

(As reuniões de discussão e debate a nível nacional "Por um Ensino ao Serviço do Povo", em princípio marcadas para o início de Janeiro não se realizaram, atrasando assim a possibilidade de definhir concretamente quais as formas de organização adequadas neste momento. Isto foi de certo modo um erro nosso pois que a não realização do Seminário se reflete no trabalho a adoptar no seio do M.A. Devemos portanto convocar um novo Seminário, a fim de consolidar esta orientação.

(1) Veja-se o caso das RGAs do IST e do ISCEF, em que as direcções reformistas conseguiram que as suas propostas fossem aprovadas, com a apologia do "voltar para as aulas, voltar para os exames". Estas motivações não puderam ser anuladas pelos estudantes que, cada vez em maior número, perceberam o alcance destas posições reformistas: anular as movimentações que não têm aproveitamento reformista (por não serem pacifistas, etc... e neste caso especial devido ao facto de dirigentes reformistas estarem directamente implicados no assassinio do nosso camarada). Estas motivações só desaparecerão (em parte) pelo próprio trabalho associativo progressista. Elas existem, porque são alimentadas pelas famílias e pela origem social dos estudantes, pelos grupelhos fascistas, ou os ditos "centristas", etc...; desaparecem momentaneamente em alturas de grande mobilização, mas reaparecem, e com mais força, quando são defendidas por estudantes considerados activos (Direcções, etc.).

O V "(...) Seminário Interno tem por objectivo, essencialmente, definir o trabalho na prática. Não será portanto um Seminário que tenha por fim, a discussão teórica de certos pontos da nossa orientação, mas sim a concretização, ou seja a discussão e a programação do trabalho concreto a desenvolver a partir de agora na Faculdade."

in Circular 23

O Movimento Associativo em Ciências

- situação actual
- evolução possível

A - BREVE HISTÓRIA DA LUTA ASSOCIATIVA NO PRIMEIRO PERÍODO EM CIÊNCIAS

O trabalho desenvolvido na Faculdade pode dividir-se fundamentalmente em 3 períodos; estes tiveram características diferentes, tanto no que respeita às formas de luta que os estudantes assumiram, como à orientação do trabalho desenvolvido pelos colaboradores.

1º Período - Desde o assassinio de Ribeiro Santos até à primeira RGA de Ciências

Como já vimos em diversas Reuniões de Colaboradores, nomeadamente nas "Reuniões de discussão", os estudantes de Ciências passaram à margem da generalidade das lutas travadas pelos seus colegas de Lisboa, de protesto veemente pelo assassinio de Ribeiro Santos. Isto, porque as aulas na nossa Escola começaram muito depois, estando a grande maioria dos estudantes afastados de Lisboa. Quando as nossas aulas abriram, (e quase exclusivamente para o 1º Ano) a Academia encontrava-se em Greve Geral decidida em Plenário dos estudantes de Lisboa.

Mas, as direcções reformistas do Técnico e de Económicas traíram a decisão de Plenário, e sem convocar nova Reunião de Estudantes de Lisboa, prôpõem às RGAs das suas Escolas o levantamento da greve.

Esta situação vai ter como consequência que os colaboradores de Ciências tiveram que manter uma greve, isoladamente, na sequência de uma luta na qual os estudantes de Ciências não tinham tomado parte, e tendo como "candidatos a furas" malta do 1º Ano sem qualquer experiência de trabalho associativo. Viu-se pois como necessário, apesar de difícil, discutir em todas as turmas o desenvolvimento do processo, as razões do assassinio de Ribeiro Santos e a necessidade de dar resposta a este crime da PIDE fazendo greve e distribuindo Comunicados à População.

Chega-se assim a uma situação estranha: apenas Ciências e Medicina continuavam a greve (e Medicina já virada para a questão do mapa de exames) e já pouco sentido tinha haver greve de duas Escolas para permitir a informação à população.

O C.E. na sequência de uma série de tentativas para roubar as salas de Alfabetização, chama a Polícia que as saqueia e encerra. Poucos dias depois, saem as primeiras suspensões: Primeiro, sete, depois mais treze estudantes (e colaboradores) são afastados da Faculdade. Uma RGA marcada (2/11/72) não se consegue realizar pelo facto do C.E. ter retido os cartões ao portão e ter marcado uma hora até à qual se entregariam os referidos cartões, após a qual

guém o teria e não poderia assim sair da Faculdade.

2º Período - Pela reintegração dos nossos colegas presos e expulsos!
Pelo fim dos processos disciplinares!

É nesta altura que os colaboradores analisam a situação e chegam a algumas conclusões que se podem resumir da seguinte maneira:

1) Dentro da Faculdade tinha-se chegado a uma situação com características bastante desvantajosas para nós: devido às suspensões, havia muito poucos quadros a trabalhar, e os estudantes não aceitavam já a greve geral para a INFORMAÇÃO À POPULAÇÃO (que aliás não estava organizada a partir da greve);

2) Que nesta altura, dever-se-ia apresentar a GREVE GERAL como forma de luta; que se deveria, neste momento, centrar a luta contra as suspensões e a prisão dos nossos dirigentes;

3) Que se deveria defender a greve geral como forma de luta eficaz e se ela não fosse aceite se passaria a greves intermitentes (no sentido de alcançar a greve geral no mais curto espaço de tempo possível), durante as quais se deveria "agarrar" o máximo de colaboradores para o trabalho associativo.

Apesar da traição das direcções reformistas, devido ao facto de o movimento estar a ser conduzido por colaboradores não comprometidos com o reformismo e ao facto de cada vez maior número de estudantes presentes nas RGA's perceber claramente as manobras traidoras das direcções reformistas, vislumbravam-se contudo, possibilidades de um novo ressurgir da luta federativa. Para isso seria necessário não só o trabalho nas suas escolas, de todos os colaboradores anti-reformistas, mas também que Ciências, a única Escola que continuava a cumprir a greve federativa, continuasse em luta, não abrandasse o trabalho dos seus colaboradores, até que, qualquer acontecimento (entrada de polícia, suspensões, etc.) funcionasse como um rastilho que ateasse de novo a luta dos estudantes. É que os estudantes não se encontravam "cansados", desmobilizados das lutas que tinham travado, tinha sido a acção dos reformistas que tinha castrado as movimentações, fazendo com que os estudantes voltassem para as aulas e para os exames.

A RGA realizou-se (a 6 de Novembro) com cerca de seis centenas de estudantes; a Greve Geral foi recusada (isto devido, em grande parte, a uma hábil campanha conduzida por professores e grupos fascistas, no sentido de levar à RGA o máximo de estudantes, especificamente para votar contra a Greve Geral, e ao facto de não termos conseguido anular os efeitos dessa campanha, tanto entre as camadas mais reacçãoárias de estudantes, como mesmo entre a malta mais indecisa). As greves intermitentes foram aprovadas.

Começa-se a preparar uma nova RGA (para 9 de Novembro)? o facto de haver

um surto de novos colaboradores (que se agregaram com base no trabalho cultural decidido em RGA para as Comissões de Curso) faz com que fosse possível pará-la bem, e especial nos meetings e em boas informações nas turmas.

Esta nova RGA decreta Greve Geral (Improp 10)

A greve é mantida, com relativa facilidade, mas ao fim de pouco tempo apenas se encontram na Faculdade piquetes e furas. Grupos organizados de furas conseguem fechar-se em salas com professores. Tentam também romper à força piquetes nas portas das salas.

Sentindo claramente o isolamento em que os piquetes tinham caído (advindos daí uma grande facilidade em identificar malta colaboradora) - isolamento es se não relativo ao apoio que os estudantes lhe davam, mas ao facto de estarem sózinhos na Faculdade, porque, incapazes de manterem os estudantes ocupados, estes lentamente se afastaram dos piquetes, deixando a manutenção da greve a cargo deles - o C.E. faz sair uma nova lista de suspensões, a terceira. Mais doze estudantes são impedidos de entrar na Faculdade.

Alguns dias depois, (16/11/72), realiza-se nova RGA que, analisando a situação, conclui que a greve está a ser mantida com grandes dificuldades que é preferível passar para greves intermitentes (Improp 12) com o sentido de possibilitar a organização de mais estudantes, fazer concentrações, onde inclusivamente se irá discutir o processo em curso, e tudo isto no sentido de alcançar de novo a greve geral.

As concentrações decididas em RGA fazem-se. As greves intermitentes mantêm-se. Consegue-se quebrar o isolamento em que se encontrava o prédio; piquetes gigantes percorrem a Faculdade, não permitindo a identificação de mais ninguém.

Mas quase ninguém começa a trabalhar.

3º Período - O recuo da palavra de ordem e o desprestígio da greve geral

Analisando o impasse a que se tinha chegado, chegámos à conclusão de que não conseguíamos manter a Greve Geral tal como tinha sido decidida anteriormente; que era necessário mostrar, por um lado aos estudantes, a Greve Geral como eficaz, por outro lado às autoridades que tinham vantagens em ceder na libertação dos nossos dirigentes presos e na anulação das suspensões. Como tal decidimos que a proposta a apresentar na RGA deveria recuar no aspecto dos processos disciplinares, não cedendo no que respeita às suspensões e às prisões.

A proposta é aprovada na RGA; a greve é mantida durante alguns dias com concentrações, com piquetes gigantes (saídos de Meetings) a garantirem a Greve Geral.

Passado pouco tempo a afluência de pessoas diminui, novamente só piquetes e furas povoam a Faculdade. Só que desta vez o Director manda expulsar pelos contínuos quem era suspeito de andar "a boicotar aulas" e fazendo invadir a Faculdade pela polícia, identifica mais estudantes.

Marcada nova RGA, esta dispersa com a ameaça do Director de fazer entrar a polícia, tendo-se voltado a realizar em Económicas, com cerca de 100 estudantes que decidem efectuar uma Reunião de Trabalho e transferir a RGA para o dia seguinte.

A RGA (5/12/72) aprova greves intermitentes com concentrações em aulas de catedráticos. Estas concentrações realizam-se com bastantes estudantes (ver Improp).

Sai nova lista de suspensões (baseada nas identificações pela polícia, na denúncia de professores - alguns destes são daqueles colegas que estavam já impedidos de lá entrar).

As últimas greves intermitentes, destinadas a permitir Reuniões de Comissão de Curso não se realizam completamente e só as Comissões de Curso de Matemática, de Biologia e de Engenharia se chegam a reunir.

Convocada nova RGA, esta não se chega a reunir.

- Este foi em suma o trabalho que se fez no 1º Período. Estas foram também as suas consequências. Se começamos em Greve Geral, com os estudantes a apoiar fracamente; se tivemos alturas em que as palavras de ordem de greve eram apoiadas pelas largas massas de estudantes; se chegámos ao fim com a GREVE GERAL totalmente desprestigiada e com 50 colaboradores suspensos, é porque cometemos erros na condução da luta. Vejamos quais são. Emendemo-los agora.

V SEMINÁRIO INTERNO DE
ESTUDOS ASSOCIATIVOS

fev 73

para uma definição correcta das nossas
tarefas actuais
por uma universidade POPULAR

B - ONDE É QUE À LUZ DA NOSSA ORIENTAÇÃO COMETEMOS OS ERROS PRINCIPAIS?

Introdução

Quando se critica o trabalho feito não se critica "por criticar". Quando uma crítica é elaborada, para ter utilidade - corrigir os erros - tem de ser feita de determinada maneira. Assim pretende-se determinar as causas principais e não "começar a fazer um rol de críticas"; pretende-se relacionar umas com as outras, e não apresentá-las como um amontoado; pretende-se relacioná-las com o nosso objectivo a curto prazo - a CONSOLIDAÇÃO INTERNA - e ver desde já a maneira de as solucionar.

➤ a) A falta de perspectivas para o trabalho (e a inexistência de Direcção)

Correspondeu o nosso trabalho à situação concreta da Faculdade no início do período?

Soubemos nós mudar a tempo de palavra de ordem quando se verificou a incompreensão, por parte dos estudantes de Ciências de manter isoladamente uma greva federativa?

Tinham os colaboradores, quando decidiam o que se havia de fazer na Faculdade, no dia-a-dia, uma ideia exacta ou pelo menos aproximada, da situação em que a luta associativa se encontrava e como deveria evoluir?

Se lermos com atenção o que se passou no 1.^o Período dentro da Faculdade e recordarmos as sucessivas reuniões de colaboradores em que as discussões se repetiam sem se avançar um milímetro, facilmente chegaremos à conclusão que a resposta a qualquer uma das questões é negativa.

Quer dizer, verifica-se que um dos erros de que enfermau todo o trabalho do 1.^o Período, foi a inexistência de perspectivas bem definidas para o trabalho. Foi aliás por isso, por não se ter discutido amplamente qual a situação concreta da Faculdade, quais as possibilidades da luta associativa lá dentro, como é que, segundo a nossa orientação geral deveríamos trabalhar, que em cada programação de trabalho concreto por mais pequenino que fosse (informação nas turmas, meetings, etc.) surgiam discussões.

Repetia-se em cada caso as discussões e os pontos de vista que já anteriormente se tinham desenvolvido...

Uma das consequências deste facto foi também o não ter havido uma Direcção verdadeira a trabalhar; a condução da luta imediata foi deixada exclusivamente para a Reunião Geral de Colaboradores que, consequentemente mal preparada, fazia com que os poucos colaboradores novos que iam aparecendo tinham que se ir embora antes de se tomar qualquer decisão e fazer divisão de trabalho, e que rapidamente se aborrecessem com a improdutividade de tais re-

uniões.

Por duas vezes, tentou-se seriamente colmatar esta falha.

A primeira foi aquando das reuniões de colaboradores que terminaram, em 1.^o lugar com a aprovação da "OCXO" que tenta em poucas palavras sistematizar o conhecimento que nós tínhamos da situação em que nos encontrávamos; em 2.^o lugar com o combate às posições (que se desenvolviam em muitos colaboradores) de abandono da greve geral como forma de preservar o MA dentro da Faculdade. (Esquecendo que a repressão governamental que se está a observar - e que se desenvolvia na altura - não se destinava a combater especialmente a luta de protesto pelo assassinio de Ribeiro Santos, mas que visava a própria existência de trabalho associativo, devendo nós fazer por alcançar formas de luta desde que possibilitassem o alargamento da margem de manobra dentro da Faculdade, mesmo que fosse à custa do "queimação" dos quadros. Isto porque a mobilização dos estudantes, e o seu apoio à luta que se travava existia efectivamente na altura). As consequências disto foram positivas: pela primeira vez, desde o início do ano, as informações nas turmas tiveram um conteúdo unificado, e os colaboradores começaram a trabalhar com mais entusiasmo no sentido de mobilizar estudantes para a greve geral; não se conseguiu contudo pôr a trabalhar toda a malta susceptível de ser puxada para o trabalho.

A 2.^a foi nas últimas Reuniões de Colaboradores em que se combateram as ideias erradas (desorganizativas) de desprezo pelas Reuniões de Comissões de Curso em favor de reuniões de massas (meetings, etc.) que aguentariam com mais facilidade a greve a nível imediato. Esta ideia erradíssima, que conduzia a que não se formassem colaboradores regulares, pretendendo que os meetings (reuniões de estudantes normalmente mais combativos) dirigissem a luta, tem reflexos agora: As suas conclusões são sempre as mesmas: conduzem a que meia-dúzia de colaboradores experientes conduzam na realidade a luta, não prepara os colaboradores eventuais, puxando-os para o trabalho, ^{real} não alarga o número de quadros e dissolve os alicerces da condução da luta de curso (os próprios estudantes deixam de estar interessados em conduzir, ou trabalhar, nesse sentido, a luta dos seus cursos).

As "reuniões de discussão" que se fizeram durante as férias de Natal pareceram por serem muito poucas. Se bem que tenham gerado uma discussão acerca do trabalho que estávamos a fazer, o facto de estarem mal preparadas, e o facto de terem pouca "assistência" fez com que os possíveis resultados para o avanço do trabalho, através duma discussão alargada e de assentar numas mesmas perspectivas para o trabalho ficassem muito diminuídos.

► b)- A responsabilização dos colaboradores e a divisão do trabalho

Diz-se muitas vezes que o trabalho feito dentro da Faculdade foi mal feito; que os colaboradores que trabalhavam lá dentro não cumpriam as tarefas que lhes eram distribuídas; que por exemplo a última RGA não se fez devido ao facto dos colaboradores actuarem mal, e que só por culpa deles é que os estudantes não se juntaram para a reunião.

Se isto é verdade, não aconteceu por acaso.

Uma falha importante cometida muitas vezes durante o primeiro período foi não se ter conseguido responsabilizar os colaboradores pelas tarefas que era necessário fazer.

Como é que se consegue que os colaboradores se responsabilizem efectivamente pelo trabalho?

Como já temos visto muitas vezes (e é já facto assente entre nós) não se consegue que ninguém fique responsabilizado por uma tarefa qualquer se não tiver estado na discussão que a planeou, se não estiver a ver bem em que é que se insere a sua tarefa particular, se não lhe vir a importância, e mesmo se não tiver possibilidade de intervir activamente (discutindo, votando, etc) no seu planeamento.

Esta é aliás uma das razões pelas quais a RGC (conjunto de todos os colaboradores, de todos os estudantes que trabalhem associativamente) é um nível de decisão.

Ora, não é fazendo como nós fizemos muitas vezes, discutindo com os "de cá de fora" o trabalho a fazer e "dividi-lo" entre a malta "lá de dentro" que conseguimos que o trabalho seja bem feito, que seja produtivo.

Por outro lado, a desorganização era característica dominante do trabalho desenvolvido pelos quadros que trabalhavam cá fora: os colaboradores que trabalhavam eram sempre os mesmos (em especial nas questões técnicas, para as quais a grande maioria da malta não se sente "inclinada", isto por um lado devido a ser necessário uma certa disponibilidade de tempo, e por outro porque obriga a deslocações e sobretrabalho, visto não dispormos de aparelho técnico autónomo).

Para colmatar esta falha, é necessário criarmos estruturas estáveis; é necessário pôr mais malta a trabalhar em questões técnicas, que podem ser executadas em "horário normal". Enquanto confiarmos na disponibilidade de meia dúzia de colegas, enquanto confiarmos no seu "aperfeiçoamento individual" como forma de melhorar o trabalho, cavamos a nossa própria desorganização.

► c)- A falta de maleabilidade dos colaboradores

Outro dos defeitos que o nosso trabalho teve foi o facto de os colabora-

dores, terem uma grande dificuldade de se adaptarem a situações novas: intervinha-se da mesma maneira perante furas retintos e perante estudantes indecisos preparava-se trabalho exactamente da mesma maneira com colaboradores novos e colaboradores já antigos, os piquetes de greve não esclareciam as dúvidas que surgiam nas turmas, e tomaram-nas todas como destinadas a deitar "poeira nos olhos", intervenções preparadas para meetings ou RGAs eram feitas da mesma maneira independentemente do decorrer da reunião.

Tudo isto são aspectos dum mesmo facto: os colaboradores não são capazes de ser "senhores da situação" em qualquer momento do seu trabalho. E se isto é normal em relação à malta que está a trabalhar há pouco tempo, o mesmo não se poderá dizer acerca da malta mais antiga.

Porque é que isto acontece ?

Em primeiro lugar porque as discussões que se fazem acerca das tarefas que é necessário executar, não são suficientemente bem feitas. Assiste-se frequentemente a Reuniões de Colaboradores em que intervêm apenas 3 ou 4 pessoas, tu do resto se limita a ouvir pondo aqui e além uma ou outra dúvida. É necessário terminar com esta situação (ler a Circular 9 - Pratiquemos a direcção colectiva).

Em segundo lugar, e como consequência do apontado atrás, grande parte das pessoas tem tendência a encostar-se à malta mais antiga ou mais desembaraçada para resolver as questões que não foram programadas (responder a dúvidas, alterar uma intervenção, argumentar contra propostas incorrectas apresentadas em RGAs, etc...)

Em terceiro lugar, e é bom não esquecer, devido ao facto de que a grande parte dos colaboradores que estão a trabalhar na Faculdade eram novos, com pouca experiência, e é fundamentalmente pela experiência anterior, (se esta não se basear no encosto) que advém a capacidade para se ser maleável a novas situações, fazendo assim um efectivo bom trabalho dentro da Faculdade.

d)- O trabalho dos colaboradores suspensos

52 estudantes foram suspensos; na sua quase totalidade eram colaboradores; o que é que lhes aconteceu depois de terem sido suspensos ? Foi o seu trabalho bem aproveitado ?

Numa reunião de malta suspensa, após a discussão, chegou-se à conclusão de que uma grande parte dos colaboradores que eram suspensos se afastavam do trabalho, sendo necessário ir falar com eles, dando-lhes tarefas específicas para que eles voltassem a colaborar. Viu-se que em alguns casos até, o facto de se ser suspenso era motivo para a autosatisfação estilo "dever cumprido".

Se estes últimos aspectos foram combatidos, voltando a grande parte da malta suspensa a trabalhar, a verdade é que ainda há quem não esteja a trabalhar e é visível que os colaboradores que no ano passado eram muito activos, agora pouco trabalham.

Nós sabemos que as suspensões têm um efeito negativo no nosso trabalho, que elas são, em certa medida eficazes, que "programar trabalho cá de fora" e programar e fazer trabalho "lá dentro" são coisas inteiramente diferentes e só as confunde quem não tem os pés bem assentes na terra. O que nos resta ver é como é que o trabalho que é possível fazer cá de fora pode ser bem aproveitado.

1. A malta cá de fora, sendo o grupo de colaboradores mais experiente não deve substituir as discussões e a programação de trabalho que deve ser feita por todos os colaboradores e, em especial por aqueles que a vão executar (evitando como já vimos, o trefismo em que caem os colaboradores não suspensos mais novos)

2. Deve-se fazer, com a malta cá de fora, o trabalho que não pode ser feito pela malta lá de dentro, pois de contrário, todo o trabalho que pode ser feito por colaboradores novos que possam trabalhar na Faculdade, deve-lhes ser do (e não fazer Improps de curso a partir exclusivamente da malta suspensa, etc.)

3. Devemos também pôr a trabalhar, o mais intimamente possível com a malta lá de dentro, os colaboradores que mais facilmente reentrarão na Faculdade. Em especial os do 1^o Ano (pondo finalmente a trabalhar Comissões de Arranque e ar rancarem efectivamente com as Comissões de Curso)

4. Deve-se aproveitar a grande disponibilidade da malta suspensa para for talecer o espirito crítico, discutindo textos de orientação já feitos ou a fa zer (e não pensar, como já foi dito muitas vezes que a malta suspensa são os velhos que "já a sabem toda", etc.)

5. Deve-se organizar em tarefas concretas - podemos neste momento com a malta que é possível pôr a trabalhar, reestruturar as informativas com base - enquanto corpo redatorial - em responsabilização de malta pelas diferentes secções possíveis do Improp... (acabando com o número daqueles que passam o dia a fazer avenida pelas Associações...)

e) Erros de organização

Já apontámos alguns erros que poderiam ser incluídos sob este título. É o caso das deficiências de organização dos colaboradores suspensos, é o da "divisão de trabalho", mas, foram especialmente importantes as asneiras que come temos no que diz respeito à organização dos estudantes que se ofereciam para trabalhar em Meetings, no fim de RGAs, etc... Foram dezenas e dezenas os estu dantes que andaram em piquetes, que deram informações nas turmas, que entraram em confronto com professoras e que não foram nunca integrados nas Comissões de

Curso. Como tal se afastaram do Movimento Associativo.

Porque é que aconteceu isto?

Porque é que, depois de várias vezes se ter dito que uma das falhas principais do trabalho durante a crise de Maio de 71 foi precisamente esta, se tornou a repetir?

1- A necessidade de manter a greve geral, afogou as reuniões de colaboradores dentro da Faculdade. Quer dizer, fizeram-se Meetings para "juntar muitos estudantes", fizeram-se piquetes para manter a greve e desprezaram-se as RGCs

2- O facto de não ter havido durante todo o período, discussões constantes acerca da condução da luta associativa faz com que ideias erradas a seu respeito proliferem entre os colaboradores.

É por exemplo o caso do período que segue à RGA que aprovou greves intermitentes, aí, traindo o espírito da proposta aprovada na RGA, grande parte dos colaboradores apressaram-se em fazer reuniões grandes, com muita gente, e a tal "organização" definida em RGA, foi para escrever no Improp. Na prática, nenhum dos estudantes que compareceram nos Meetings começou a trabalhar; é o caso também das últimas Reuniões de Colaboradores, onde havia muita gente que negava o papel das Comissões de Curso para assegurar o prosseguimento da luta, (quando se apontava para o seu funcionamento, a discussão de processos pedagógicos que poderiam ser levantados mais tarde)

3- O facto de terem sido suspensos os colaboradores que se iam mostrando mais activos, fez com que a instabilidade da malta que poderia trabalhar na Faculdade criasse uma grande dificuldade em estabelecer um trabalho regular lá dentro, e não soubemos aí preparar suficientemente bem o trabalho para que ele pudesse ser distribuído a um grande número de pessoas, sendo essa divisão feita na altura "em cima do joelho" e exactamente por essa malta que sucessivamente ia sendo suspensão.

C - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO ACTUAL DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO DE CIÊNCIAS E DAS FORÇAS QUE MAIS DIRECTAMENTE SE LHE OPÕEM. ALGUMAS CONCLUSÕES.

1- Situação da massa dos estudantes da Faculdade

a) Manifesto repúdio por parte da esmagadora maioria dos estudantes às manobras recentes das autoridades: repúdio pelas prisões, suspensões, processos incorporações, vigilantes, etc. em suma, repúdio pela transformação da Faculdade numa caserna.

b) Falta de informação sobre o andamento dos processos e do inquérito do ano passado, falta de informações pormenorizadas sobre a situação dos dirigentes presos e informação imprecisa e incompleta dos últimos acontecimentos - tanto dos relativos a Ciências, como dos relativos às outras Escolas.

c) Falta de esclarecimento por parte de um grande número de estudantes das razões de fundo da actual ofensiva das autoridades e do que elas visam, de facto; em particular, tal falta de esclarecimento é notável entre os estudantes do 1º Ano, que não estiveram nas lutas dos anos anteriores e que não têm qualquer experiência da prática associativa. (A não ser as recentes)

d) Existência de um clima generalizado de intimidação face ao autoritarismo dos profs-polícias do CE, e face ao policiamento por parte dos contínuos - pides; existência, também de um certo clima de descrédito, no que diz respeito à eficácia das formas de luta que têm sido adoptadas neste processo - em particular, em relação à greve geral

e) Certa predisposição, localizada ainda em vários sectores de estudantes (por exemplo alunos dos cursos de Biologia, Física Laboratorial, ou de Introdução à Física da Matéria), para que se coloque já o centro do trabalho associativo nos processos de Curso, de cascara, para que se vire o trabalho para os problemas pedagógicos mais prementes de momento, como sejam as faltas, a a fixação de matéria, os professores autoritários, etc...

Conclusões

Como se conclui do estudo feito, têm interesse revelante as tarefas

- de informação (oral e escrita - Improps) e de propaganda (cartazes, targetas, etc.)

- de esclarecimento e perspectivação, através das discussões orientadas e da actividade de imprensa

- de estruturação das Comissões de Curso e programação do trabalho de curso isto, mantendo sempre um clima de luta e de combate.

Outra conclusão que se tira é a seguinte: ainda existe um considerável potencial de mobilização. O problema fundamental consiste em saber aproveitar o

significado das prisões dos nossos dirigentes, as suspensões em massa dos nos-
sos colegas (e ainda as incorporações compulsivas de alguns colegas na tropa)
para responder consequentemente às investidas da repressão, o mesmo é dizer,
para responder com firmeza e poder continuar a caminhar no sentido do Objecti-
vo Geral: colocar o Ensino ao Serviço do Povo. O problema fundamental consis-
te, afinal de contas, em saber aplicar a Orientação Geral a este caso concreto

2- Situação do quadro de Colaboradores

a) Existência de meia centena de colaboradores afastados da Faculdade, alguns dos quais por longo tempo (de entre estes, há os que poderão desenvol-
ver trabalho cá fora, e os que não o poderão fazer); possibilidades, no entan-
tá, de até meados de Março, regressarem à Faculdade grande parte dos estuda-
ntes agora suspensos.

b) Existência, neste momento de pouco mais de meia dúzia, apenas de co-
laboradores trabalhando regularmente na Faculdade, desorganizados, sem grande
experiência de trabalho e de luta na generalidade.

c) Existência, entre a malta suspensa, de um certo número de colaborado-
res que não trabalham regularmente (ou que não trabalham mesmo) e isto por al-
guma(s) razões que se apontam na alínea seguinte

d) Existência de um grande número ainda de colaboradores eventuais capa-
zes de desenvolverem um trabalho regular na Faculdade, mas que se encontram
neste momento em alguma ou algumas das situações seguintes:

- não terem perspectivas para a continuação do trabalho, situação criada
pela não compreensão de facto, da fase actual da luta e suas possibilidades de
evolução, o que é consequência da inexistência de um trabalho coeso de Direc-
ção

- não terem uma organização sólida onde se apoiar, uma organização estm-
turada de acordo com o momento presente, capaz de dividir produtivamente o tra-
balho que é necessário levar a cabo e capaz de integrar e responsabilizar es-
sas pessoas nas tarefas imediatas

- sentirem um certo "cortanço" - "o melhor é eu não fazer mais ondas a
ver se isto passa e eles se esquecem de mim" - situação esta de que muito bem
podem ser responsáveis alguns pais de família... mas não só, claro.

Conclusões

Esta situação cria a necessidade objectiva e urgente de organizar os co-
laboradores fora da Faculdade, de os organizar lá dentro e organizar a inter-
ligação entre uns e outros. E tudo isto de uma maneira muito bem definida.

O facto de irem ser afastados do trabalho, alguns quadros, torna neces-
sário fazer um sobreesforço de organização no sentido de redefinir prioridades

de trabalho, de redividir mais racionalmente as tarefas pelos restantes colaboradores, para assim se superar a falta que esses quadros vão fazer.

E para proceder o mais brevemente à sua substituição efectiva, é necessário um trabalho acelerado de formação teórica dos nossos quadros e de aprofundamento da teoria dos colaboradores mais antigos.

O pequeno número de colaboradores com possibilidade de entrar na Faculdade, e a sua inexperiência, tornam necessária a planificação pormenorizada do trabalho a realizar lá dentro e da maneira de realizá-lo. Em particular, isto é válido para o trabalho de curso que neste momento deverá estar virado essencialmente para o campo organizativo. Com efeito será necessário programar pormenorizadamente, com as Comissões de Arranque, a maneira de estruturar e arrancar com as Comissões de Curso, a organização primária dos estudantes da Faculdade.

O facto de haverem ainda muitos antigos colaboradores que, apesar de não estarem a trabalhar, são susceptíveis de vir a ter um papel activo num futuro breve, torna necessária a sua convocação - mas não, claro, a convocação formal do, por exemplo "aparece cá amanhã, que há uma reunião importante para ver da proposta a apresentar à R.G.". A convocação dessas pessoas terá de passar pela conversa pessoal com elas, pelo seu entalço, mostrando como é imprescindível que elas trabalhem neste momento em que é necessário reagrupar todas as nossas forças e mostrando-lhes qual é o significado da sua atitude demissionista.

Outra falha importante, que é preciso suprir é a da formação de uma Direcção coesa e capaz de prespctivar as sucessivas falhas da luta, de modo a que em cada momento estejam muito bem definidas as prioridades de trabalho, e este não se faça à balda, como aconteceu ultimamente, em certa medida (fala-se aqui de Direcção do Movimento, em sentido lato).

3. Situação das forças reacçãoárias da Faculdade

a) O Conselho Escolar em perfeito sincronismo com a política governamental para a Faculdade, lança uma ofensiva que tem como único objectivo aniquilar o M.A. em Ciências, acabar com todas as lutas progressistas na Faculdade não hesitando, para o conseguir, em sacrificar definitivamente a sua faceta "liberal"; e se ele começou este ano pelas suspensões e processos disciplinares (como o ano passado fizera, sem êxito com o "inquérito aos gorilas"), depois pretenderá continuar (e aliás já há tentativas de fazer isso) pela proibição de informação e reunião, com vista a obter a Escola reformada, e reformada como ambiciona.

É claro que, neste seu ataque sem paralelo, o C.E. não hesitará, se tal lhe parecer conveniente, em perseguir e afastar, mesmo, alguns membros do corpo docente que se tenham mostrado, ou se mostrem, pouco obedientes, ou pelo

menos, pouco zelosos no cumprimento das instruções que ele lhes dera ou dará agora.

b) Com o auxílio e incentivo do C.E. e outros aliados, os anti-associativos e anti-democráticos reorganizam-se e desenvolvem a tal célula de professores e estudantes fascistas que já se sabia existir na Faculdade, passando à actividade regular, reunindo e editando papéis periodicamente nas instalações da Faculdade e nas máquinas das Secções.

c) Para além dos profs-polícias e dos estudantes traidores, outros elementos se têm revelado firmes defensores dos interesses reacçãoários e executores zelosos da política das autoridades: trata-se dos continuos-pides, verdadeiros bufos que efectivamente têm desempenhado um papel de relevo na luta contra o M.A. de Ciências.

Há ainda que referir a situação da quinta-coluna aquartelada no seio do M.A. para sabotar as suas lutas progressistas: embora não se conheça pormenorizadamente o trabalho dos reformistas de Ciências, que eles têm feito, em vista a apresentar propostas de reorganização do Movimento, ou de condução da luta, ou outras, no reinício das aulas. Sabe-se que eles têm reunido frequentemente com os espécimes do mesmo tipo de outras Escolas.

[V SEMINÁRIO INTERNO DE ESTUDOS ASSOCIATIVOS]